

Experiências de um estágio curricular em psicologia no semiárido rural potiguar

 Maria Izabel Dantas da Silva¹,  Bruna Stephane da Silva Dantas²,  Jizlayne Vitória Bezerra Estevam da Fonseca³,
 Victor Hugo Belarmino⁴,  Fernanda Fernandes Gurgel⁵,  Amanda Carla Silva Cavalcanti⁶

¹ Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi/FACISA. Departamento de Psicologia. Av. Rio Branco, S/N. Santa Cruz - RN. Brasil.
² Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi/FACISA. ³ Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi/FACISA. ⁴ Faculdade Sucesso/FACSU. ⁵ Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi/FACISA. ⁶ Serviço de Apoio a Projetos Comunitários Alternativos/SEAPAC.

Autor para correspondência/Author for correspondence: maria.izabel452@gmail.com

RESUMO. Este artigo apresenta um relato de experiência advindo de um estágio curricular obrigatório realizado por discentes de Psicologia em uma organização atuante no semiárido potiguar com foco em agroecologia, tecnologias sociais e fortalecimento comunitário. Objetivou-se a imersão das estudantes em atividades de escuta, cuidado e mobilização junto a populações rurais, de modo a estimular uma concepção crítica a respeito da ampliação da Psicologia para o contexto trabalhado. O percurso metodológico foi construído por meio de observação participante e registros em diários de campo, orientados pelos referenciais do Construcionismo Social e da Psicologia Social Comunitária latino-americana. As reflexões produzidas a partir dessas experiências permitiram problematizar temas como saúde mental, modos de vida no campo, relações de gênero, saberes tradicionais e impactos territoriais da transição energética. O relato evidencia as potências e desafios da atuação psicológica em contextos rurais e reafirma a necessidade de uma Psicologia ética, situada e comprometida com os territórios.

Palavras-chave: ensino, ruralidades, construcionismo social, psicologia.

Experiences of a psychology curricular internship in the potiguar rural semi-arid region

ABSTRACT. This article presents an experience report based on a mandatory curricular internship made by Psychology students on an organization active in the potiguar semi-arid region that focuses on agroecology, social technologies and community strengthening. The objective was to immerse the students in listening, caring and mobilization activities among rural populations, in order to stimulate a critical conception about the expansion of Psychology in the environment under study. The methodological path was developed through participant observation and field diaries entries, guided by the theoretical framework of Social Constructionism and Latin American Community Psychology. The reflections produced by these experiences allowed the problematization of themes such as mental health, ways of life in the countryside, gender relations, traditional knowledges and the territorial impacts of the energy transition. The report evidences the strengths and challenges of psychological practice in rural areas and reaffirms the need of an ethical, situated and community-engaged Psychology.

Keywords: teaching, ruralities, social constructionism, psychology.

Experiencias de una pasantía curricular en psicología en la región semiárida rural potiguar

RESUMEN. Este artículo presenta un relato de experiencia derivado de una pasantía curricular realizada por estudiantes de Psicología en una organización que opera en la región semiárida potiguar y que se centra en la agroecología, las tecnologías sociales y el fortalecimiento comunitario. El objetivo fue la inmersión de las estudiantes en actividades de escucha, atención y movilización junto a las poblaciones rurales, con el fin de estimular una concepción crítica acerca de la ampliación de la Psicología al contexto estudiado. El camino metodológico se construyó mediante la observación participante y los registros en diarios de campo, orientados por los marcos teóricos del Construccinismo Social y la Psicología Social Comunitaria latinoamericana. Las reflexiones generadas a partir de estas experiencias permitieron abordar temas como la salud mental, los modos de vida en el campo, las relaciones de género, los saberes tradicionales y los impactos territoriales de la transición energética. El informe evidencia las potencialidades y los desafíos de la práctica psicológica en contextos rurales y reafirma la necesidad de una psicología ética, situada y comprometida con los territorios.

Palabras clave: enseñanza, ruralidades, construccionismo social, psicología.

Introdução

Historicamente, a Psicologia enquanto ciência e profissão esteve voltada para os grandes centros urbanos (Leite et al., 2013), possuía caráter elitista e pouco sensível às desigualdades sociais (Macedo et al., 2020). Por várias décadas a ciência psicológica e a formação universitária reforçaram a invisibilidade de temas ligados à controversa formação social brasileira, atravessada por inúmeros processos de exclusão, violência e injustiças – mostrando-se distante dos debates sobre a questão agrária, a situação de saúde e a garantia de direitos no rural (Silva & Macedo, 2019).

Alguns processos contribuíram para o deslocamento da Psicologia de seu caráter urbano-centrado e elitista: 1) a aproximação com os movimentos sociais na luta pela democracia e pelos direitos cidadãos (Antunes, 2012); 2) o processo de “interiorização da profissão” (Leite et al., 2013), com a inserção de psicólogos em campos não tradicionais, especialmente nas políticas públicas de saúde e de assistência social; e 3) a própria interiorização do ensino superior, proporcionando uma aproximação dos cursos às realidades locais, possibilitando novos cenários de práticas, problematizações e intervenções para a profissão (Macedo et al., 2020).

Este artigo parte especialmente do terceiro processo. Consiste em um relato de experiência formativa de estágio em Psicologia no rural, mediado pelo Serviço de Apoio a Projetos Comunitários Alternativos (SEAPAC). O estágio consistiu em um componente curricular obrigatório do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA/UFRN), teve duração de um semestre letivo e acumulou carga horária total de 90 horas. As atividades desenvolvidas orientaram-se pelas dimensões da saúde, das práticas comunitárias e das especificidades territoriais que singularizam os modos de vida das populações rurais. Tais atividades ocorreram sob supervisão acadêmica e orientação das ações desenvolvidas.

O curso de Psicologia da FACISA é reflexo do referido processo de interiorização da profissão, impulsionada por fatores como o Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) (Macedo et al., 2020) e a ampliação dos campos de mercado, especialmente na área das políticas públicas em cidades de pequeno e médio porte, bem como nas sociedades civis organizadas – o “terceiro setor” (Macedo & Dimenstein, 2011; Yamamoto & Oliveira, 2010).

A instituição mediadora do estágio, o SEAPAC se configura como uma organização do terceiro setor, de base comunitária, vinculada à Arquidiocese de Natal – referência regional na promoção da convivência com o semiárido. A instituição conta com uma equipe de profissionais

de diferentes áreas (engenharia, agroecologia, serviço social etc.) e atua diretamente nos contextos rurais, mobilizando saberes locais e tecnologias sociais voltadas para sustentabilidade, agroecologia, segurança alimentar/hídrica e o fortalecimento da cidadania. Com mediação da SEAPAC, ocorreram ações de visitas a comunidades rurais, acompanhamento de sistemas de reuso de água e biodigestores, entrega de mudas frutíferas, planejamento e realização de oficinas com mulheres sobre “corpo, sexualidade e envelhecimento”, apoio a processos de mobilização e organização popular e monitoramento das famílias assistidas pelos programas desenvolvidos.

Este artigo, portanto, apresenta e reflete criticamente sobre essa experiência formativa do estágio, destacando as práticas comunitárias e territoriais, as Tecnologias Sociais e as contribuições desse campo de estágio para a formação em Psicologia.

Percurso metodológico

Trata-se de um relato de experiência, construído a partir da vivência de estágio curricular obrigatório em psicologia, realizado entre os meses de março e junho de 2025, em comunidades rurais dos municípios de Santa Cruz, Lajes Pintadas, Campo Redondo e Currais Novos (RN).

O corpus empírico deste trabalho foi constituído por diários de campo produzidos ao longo de todo o período de inserção, totalizando 40 (quarenta) registros escritos. Esses diários foram elaborados individualmente por cinco estagiárias e posteriormente discutidos coletivamente nas supervisões de estágio, contemplando descrições das situações vivenciadas, falas dos sujeitos, impressões, afetos mobilizados e reflexões produzidas a partir da implicação no território, condizentes com a realidade material, conforme orientações de Medrado et al. (2014). O diário de campo, como nossa ferramenta primordial de produção de informação, para além de um material discursivo a ser analisado, funcionou como uma narrativa ficcional implicada, ou seja, uma escrita balizada pelas impressões e afetações das vivências do campo de estágio, os quais, uma vez compartilhadas e discutidas à luz da literatura científica, operam um reposicionamento dos fragmentos narrativos em uma escrita organizada, analítica e crítica.

As experiências registradas em diários de campo envolveram a interação com diferentes sujeitos sociais, dentre eles agricultoras e agricultores familiares, lideranças comunitárias, e técnicas/os do SEAPAC. Não houve critérios de seleção prévia dos participantes, uma vez que o contato se deu a partir das demandas e fluxos próprios das atividades do estágio, respeitando a dinâmica dos territórios acompanhados.

A observação participante foi utilizada para o acompanhamento das ações desenvolvidas no estágio, que compreenderam: visitas domiciliares para orientação sobre Tecnologias Sociais,

partilha de conhecimentos entre comunidade e técnicos, participação na oficina sobre envelhecimento e menopausa no rural com grupo de mulheres, participação em reunião com Conselho Municipal do município de Currais Novos - RN e no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Cruz. Ademais, as reuniões semanais de supervisão estimularam a elaboração e planejamento das atividades desenvolvidas, provocando reflexões individuais e coletivas a partir de discussões de textos alinhados às temáticas do campo.

No que se refere ao processo de análise, optou-se pela organização dos registros em eixos temáticos emergentes da experiência, construídos de forma processual e reflexiva. Inicialmente, foi realizada uma leitura aprofundada dos diários de campo, buscando identificar recorrências, tensões, afetos e questões relevantes que atravessavam as vivências. Em seguida, esses elementos foram agrupados por aproximação de sentido, dando origem a núcleos temáticos provisórios. Para ancorar nossos olhares e reflexões sobre esse cenário, valeu-se de duas lentes teórico-práticas: a Psicologia Social Comunitária e o Construcionismo Social. Conforme apresenta Montero (2006), a Psicologia Social Comunitária surgiu a partir da necessidade de transformação social partindo dos próprios sujeitos de intervenção. Essa perspectiva pressupõe que a psicologia, especialmente a situada na América Latina, não pode ser neutra e distanciada dos aspectos sócio-políticos desse território.

A perspectiva construcionista opera nesta mesma racionalidade: as abordagens construcionistas assumem sua não neutralidade e procuram compreender os efeitos produzidos pelas práticas acadêmicas e científicas no campo. Um dos pontos fortes desta abordagem consiste na assunção de que a não neutralidade não é um problema a ser superado. Pelo contrário, a subjetividade de quem observa é entendida como mais um recurso no processo de investigação/intervenção. Assim, seguindo o rastro das práticas discursivas e da produção de sentido no cotidiano, Spink (2013) situa que os sujeitos, nas relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os sentidos que orientam a compreensão e a forma como lidam com as situações e fenômenos em seu meio.

O registro de informações nos diários e as reflexões conectadas às teorias de base foram integrados por meio da análise temática, conforme proposta por Souza (2019), compreendida aqui como um recurso de organização e interpretação dos registros. Assim, foram percorridas as etapas de familiarização e categorização da escrita dos diários, busca e revisão dos temas à luz da literatura, consolidação dos temas e dissertação dos resultados (Souza, 2019). Esse processo não teve como finalidade a generalização dos achados, mas sim a produção de sentidos sobre a experiência vivida, em consonância com os pressupostos do Construcionismo Social (Spink &

Spink, 2007), que compreendem o conhecimento como situado, relacional e implicado.

Quanto aos cuidados éticos tomados na vivência do estágio, desde a entrada a campo, até a produção e registros de informações, tem-se: utilização de nomes fictícios; respeito à privacidade e ao sigilo, à dignidade e à integridade das pessoas envolvidas; anuência dos sujeitos envolvidos; e cuidados quanto a exposição e vazamento de informações sensíveis.

Resultados e discussão

As reflexões registradas nos diários foram organizadas em oito eixos temáticos construídos a partir das experiências do estágio: 1 - Ações desenvolvidas; 2 - Modos de trabalho no rural, Saúde e condição de vida no meio rural; 3 - Dinâmicas familiares no rural; 4 - Relações de gênero no rural; 5 - Organização e luta micropolítica no rural; 6 - Crenças, religiosidades e saberes tradicionais; e 7 - Dificuldades vivenciadas pelas comunidades.

Ações desenvolvidas

Esta categoria trata de algumas ações realizadas pelo SEAPAC que foram acompanhadas durante a experiência do estágio. Em sua atuação, a entidade busca promover a transformação social e a convivência com o semiárido por meio de ações orientadas por princípios como a agroecologia, a segurança hídrica e alimentar e a justiça social. Destaca-se a implementação de Tecnologias Sociais como ferramentas que utilizam os recursos das próprias comunidades, com potencial de enfrentamento às mudanças climáticas e contribuição para o desenvolvimento social, melhorando as condições de vida das populações atendidas (Ventura et al., 2012).

Ações que oferecem espaço para a troca de saberes e práticas também demonstram ser grandes potencialidades no trabalho comunitário promovido pelo SEAPAC. Menezes et al. (2022) ressaltam a importância do conhecimento tradicional no desenvolvimento de estratégias e técnicas agroecológicas, construídas a partir do diálogo entre saberes populares e técnico-científicos. Essa articulação pôde ser observada em todas as atividades desenvolvidas, evidenciando a importância da instituição no compartilhamento de conhecimentos técnicos e científicos, sem descartar ou reduzir os saberes e práticas próprias das comunidades.

Modos de trabalho no rural

O contato com trabalhadores rurais nos permitiu observar que o trabalho agrícola, mesmo enquanto fonte de renda, comumente não se desassocia da história, contexto de vida e constituição da identidade do agricultor. A partir dessa compreensão, o SEAPAC incentiva o desenvolvimento

de quintais produtivos com práticas agroecológicas articuladas a saberes tradicionais, promovendo soberania alimentar e autonomia para as famílias.

Conforme Pinheiro et al. (2022), apesar da produção agroecológica ser perpassada por jornadas longas e árduas de trabalho, o vínculo identitário e afetivo, bem como o retorno financeiro por meio da economia solidária, garante maior reconhecimento e qualidade de vida aos agricultores em comparação a atividades fora da agricultura. Tal perspectiva foi registrada em um dos diários de campo: “Afirmou que vive muito melhor financeiramente pela agricultura do que vivia em São Paulo com trabalhos urbanos” (Diário de campo, abr/2025).

Todavia, a limitação de projetos de vida para esses trabalhadores, em sua maioria inseridos desde muito cedo em atividades do ramo, se expressa na dificuldade de conseguir outros tipos de emprego. Conforme a fala de uma agricultora, questionada sobre a geração de empregos por parte das empresas de energias renováveis e mineração: "O que o povo daqui sabe fazer é plantar, trabalhar em lavoura, nunca trabalhou em outro lugar, aí vai conseguir o quê, né?" (Diário de campo, abr/2025).

As oportunidades reduzidas de emprego e as perspectivas atribuídas ao trabalho tornam a categoria vulnerável à inserção na informalidade e/ou em trabalhos precarizados e de baixo retorno, além de já trabalharem na própria terra, visto que, como identificamos, muitos agricultores atuam para terceiros como meeiros. Nos dados encontrados por Costa e Vieira Filho (2020) referentes ao ano de 2013, mais de 50% do total de trabalhadores rurais brasileiros atuavam na informalidade, sendo 77% destes localizados nas regiões Norte e Nordeste. Os autores reforçam as causas multifatoriais para a concretização desse fenômeno, desde fatores macrossociais como crises econômicas e desigualdade nas transformações das atividades agrícolas até variáveis como raça, gênero e grau de escolaridade (Costa & Vieira Filho, 2020).

Saúde e condição de vida no meio rural

Esta categoria expressa uma realidade complexa da saúde no meio rural brasileiro. Os relatos ouvidos nas comunidades revelam um quadro multifacetado, em que as questões de saúde física e mental, o acesso aos serviços e demais determinantes sociais se entrelaçam. É necessário reconhecer que o adoecimento rural não se limita ao âmbito biomédico, mas abarca também aspectos emocionais, sociais, espirituais e econômicos, enraizados em problemas sistêmicos e geralmente negligenciados pelas estruturas e instituições (Rosa & Busato, 2024).

As iniquidades em saúde ocorrem de forma recorrente a partir do que Rosa e Busato (2024) identificam como uma das principais barreiras no rural: a logística de deslocamento até os serviços

e dispositivos de saúde, sendo o acesso à saúde mental uma das dimensões mais problemáticas nesse contexto. Segundo Dantas et al. (2020), a saúde mental pode ser compreendida desde uma abordagem multidimensional, reconhecendo-se que é influenciada pelo território e que os modos de vida podem tanto atenuar vulnerabilidades quanto desencadear sofrimento psíquico. Nessa direção, destaca-se a perspectiva da Determinação Social da Saúde, que se fundamenta na historicidade e nas especificidades dos territórios, bem como em análises situacionais das demandas populacionais, para compreender o processo saúde-doença-cuidado de forma contextualizada. No contexto rural, tais vulnerabilidades tendem a se intensificar em função dos índices expressivos de analfabetismo, insegurança alimentar e mortalidade infantil, além de limitações no acesso a serviços públicos e à assistência técnica, condições laborais precárias e maior dependência de programas de transferência de renda. Trata-se, portanto, de uma articulação de fatores e riscos que produzem sofrimento e repercutem diretamente na saúde mental.

Dinâmicas familiares no rural

Apesar dos residentes das comunidades visitadas manterem fortes vínculos afetivos com seus familiares mais próximos, inclusive morando nas mesmas comunidades, percebemos um desapego das novas gerações às atividades agrícolas, uma vez que muitos dos filhos buscam suas fontes de renda na cidade, mesmo que haja possibilidade de permanência no campo. Dona Neide (nome fictício), que tem 3 filhos e relatou ter nascido e crescido na agricultura, observa que seus filhos "resolveram seguir outros caminhos na cidade". Conforme corroborado por Spanevello et al. (2017), a preferência por empregos não agrícolas parece constituir um caminho cada vez mais seguido pelos jovens.

Ao mesmo tempo que existe a permanência territorial, embora não implique necessariamente na continuidade das práticas agrícolas tradicionais, a presença dos filhos na zona rural representa uma rede de apoio aos idosos que optam por seguir no campo, ao passo que também representa desafios para os cuidadores, como o relato a seguir: Lurdes (nome fictício) cuida dos pais idosos e experimenta os efeitos físicos dessa responsabilidade em suas mãos pelo uso de produtos de limpeza, pois devido ao cansaço deixa de tomar os cuidados necessários na hora de manuseá-los. Há também o caso de Dona Luzia (nome fictício), que enfrenta dificuldade em cuidar, simultaneamente, da casa e do pai doente. Estas realidades, presentes em boa parte das famílias visitadas, ilustram como a rotina de cuidados é demasiadamente cansativa, sobretudo para as pessoas que precisam assistir ao familiar diuturnamente, o que pode acabar levando-as ao estresse emocional (Sousa et al., 2021).

Relações de gênero no rural

As mulheres das comunidades acompanhadas cuidam de suas hortas, pomares, animais e casas; das crianças e dos maridos; vendem suas produções na cidade, apoiam umas às outras, e ainda protagonizam experiências de liderança comunitária. Durante as visitas, tivemos contato com 13 mulheres chefes de suas famílias, 2 delas tendo ocupado o posto de liderança comunitária e 1 na presidência de um Sindicato dos Trabalhadores Rurais – a primeira e única mulher a ocupar o cargo após 30 anos da fundação. A ex presidenta do Sindicato relatou que essa experiência teve um “grande peso”, criando um trocadilho para denotar a importância dessa conquista, ao mesmo tempo em que configura-a como um período de muita sobrecarga em sua vida. A fala demonstra o acúmulo de responsabilidades e de desgaste emocional que consome mulheres que se inserem em espaços de liderança. Contudo, mesmo diante disso, se mantêm na linha de frente dos processos organizativos de suas comunidades. Ademais, o interesse de mulheres camponesas por tais espaços sinaliza transformações quanto à politização de papéis de gênero no campo, capazes de promover autonomia e emancipação, de modo a ser possível a construção de um processo de resistência às relações patriarcais (Kempf & Wedig, 2019).

Essas múltiplas jornadas de trabalho se manifestaram como uma realidade constante entre as mulheres das comunidades, que acumulam os cuidados da casa com as atividades do roçado. Durante as visitas, percebemos como essa sobrecarga se materializa no cotidiano das agricultoras, a exemplo do caso de Severina (nome fictício) que não conseguia descansar adequadamente após uma cirurgia devido aos afazeres domésticos que permaneciam sob sua responsabilidade. Desse modo, é possível inferir que as estruturas patriarcais e as dinâmicas de poder no ambiente doméstico se mantêm inalteradas, visto que a continuidade da dupla jornada de trabalho permanece mesmo diante do reconhecimento do trabalho feminino no campo (Mendonça, 2021).

Organização e luta micropolítica no rural

A organização política no rural se constitui na micropolítica tecida cotidianamente por agricultores em seus próprios territórios. Os espaços comunitários centrais do rural, como igrejas, escolas e casas, se transformam em lugares de articulação simbólica e política. Esses lugares, para além de operacionais, carregam consigo a memória e a identidade da luta coletiva, uma dimensão atravessada por saberes ancestrais e por práticas de resistência.

Durante a participação em reuniões dos sindicatos rurais, nos deparamos com uma realidade na qual há uma relação verticalizada entre o Estado e as organizações rurais que compromete a autonomia e a escuta ativa das comunidades. Em razão disso, por exemplo, há

Tecnologias Sociais não instaladas por falta de articulação entre comunidades e gestões municipais. O descompasso entre políticas públicas e modos de vida rurais reforça a descaracterização das demandas locais, que poderiam ser atendidas por meio da mediação entre os saberes do território e o poder público, que, neste caso, encontra-se aquém às reivindicações comunitárias.

O estudo de Pereira e Lobato (2020) vai ao encontro da situação apresentada, pois demonstra como as experiências de educação popular e sindicalismo articularam a resistência política contra o domínio dos “patrões”, reforçando que a transformação social no campo exige o rompimento com lógicas centralizadoras e autoritárias. A organização comunitária e o respeito à autonomia dos sujeitos rurais tornam-se premissas ético-políticas inegociáveis para a população do campo. Destacamos, assim, a fala de um dos líderes comunitários presentes na reunião sindical, que expressa a importância da organização coletiva e da atualização aos problemas atuais enfrentados pelas comunidades: “Se articulem. O que vale hoje é articulação e informação” (Diário de campo, abr/2025).

Crenças, religiosidade e saberes tradicionais

A crença se apresenta como elemento presente na relação bidirecional entre camponês e natureza. Em tempos de escassez, os discursos religiosos do tipo “Se Deus quiser esse ano vai chover bem” (Diário de campo, abr/2025) emergem e trazem consigo a dicotomia de sentimentos de resignação e esperança: denotam a seca como um acontecimento que não está ao alcance da ação humana, mas sim na condição divina (Camurça et al., 2016), de modo que a religiosidade aparece como forma de lidar com a incerteza e a falta de controle.

É importante ressaltar que a crença no cotidiano não acontece isoladamente, ela foi observada como componente entrelaçado aos saberes tradicionais que orientam práticas agroecológicas de Convivência com o Semiárido, como a utilização de plantas medicinais para curar males. Esses conhecimentos não são estáticos, pois se modificam nas relações entre o território e a comunidade ao longo do tempo e, por esta razão, impulsionam espaços de dialogicidade, como os momentos de “partilhas”, nos quais os saberes técnicos são discutidos em conjunto com os saberes das comunidades. Assim, os saberes tradicionais não podem ser considerados resíduos de um passado a ser superado, mas fundamentos de um presente que se constrói em resistência, reinvenção e pertencimento. Como destacam Tiburski e Cardoso (2020), o sertão é um lugar onde se cruzam tempos, territórios e seus habitantes, que não se colocam à margem do desenvolvimento, mas (re)criam outras possibilidades de vida.

Dificuldades vivenciadas pelas comunidades

Os entraves enfrentados por comunidades rurais são, em grande parte, de ordem social, econômica e política, que, reproduzindo situações de desigualdade e injustiça, afetam diretamente o cotidiano dos agricultores. Esse fato aparece no desinteresse das gestões municipais na execução de tecnologias sociais de convivência com o semiárido, ou, quando há essa adesão, as instalações são feitas de maneira inadequada, gerando danos a curto e médio prazo nas estruturas. Santos et al. (2019) chamam atenção para os interesses econômicos e políticos que podem estar por trás dessas ações, tornando os agricultores reféns de políticas assistencialistas com a perpetuação da chamada “Indústria da Seca”. Assim, esses sujeitos ficam incapacitados de usufruir do funcionamento pleno das tecnologias, gerando preocupações para além das que já advém das condições climáticas da região:

Ele confirmou que, novamente, o serviço havia sido feito de forma inadequada. Ao longo das visitas, ficou evidente que a empresa contratada para a instalação dos sistemas de água de reuso não está desempenhando sua função com eficácia, o que gera frustração e prejuízo para as agricultoras (Diário de campo, maio/2025).

Desse modo, embora existam programas e políticas que atuam direta ou indiretamente no desenvolvimento rural, os trabalhadores ainda sofrem com barreiras para acessar ou permanecer nessas ações. Apesar da importância de projetos voltados para o fortalecimento da agricultura familiar, Lisboa e Alcantara (2019) apontam que a valorização dessa categoria só acontecerá se ela for capaz de contribuir para o modelo econômico e mercadológico. A problemática é ilustrada em um dos diários de campo, referente ao fechamento iminente de uma cooperativa rural voltada para mulheres:

O coordenador do conselho demonstrou muita preocupação com essa situação, atrelado apenas a perda monetária que acarretaria o fechamento dessa fábrica, sem se questionar o motivo das trabalhadoras não desejarem mais assumir esses postos. Não há preocupação acerca das condições de trabalho nem nada do tipo (Diário de campo, maio/2025).

Por fim, destacamos as dificuldades causadas por conflitos e impactos da chegada de parques eólicos nas comunidades visitadas. O documento “Salvaguardas socioambientais para energia renovável” (2024), produzido em conjunto por comunidades, ativistas e pesquisadores com apoio do Plano Nordeste Potência, afirma que a falta de articulação com as comunidades afetadas e a regulamentação frágil dessa implantação cria espaços de conflito, agrava situações de desigualdade, vulnerabilidade social e racismo ambiental, ameaça a produção de alimentos e a biodiversidade local.

No contexto do estágio, essa realidade ficou explícita pela proximidade das torres eólicas em relação às residências dos agricultores, relatos de barulhos e danos às estradas causados pelos caminhões que transportam as peças, ausência de horizontalidade na comunicação das empresas com as comunidades e menção à invasão frequente de animais silvestres às propriedades, fato que ocorria com menor frequência anteriormente e que pode indicar um desequilíbrio ambiental em ascensão devido ao desmatamento da vegetação nativa. O abuso de poder das empresas está presente em mais de uma fala e revela uma relação permeada pela injustiça e desigualdade: “Eles chegam preparados para a guerra” (Diário de campo, jun/2025); “A gente não pode queimar, nem nada do tipo. Mas eles podem chegar e fazer o que quiserem” (Diário de campo, jun/2025).

Considerações finais

As vivências proporcionadas pelo estágio permitiram conhecer uma dimensão ainda negligenciada na formação em psicologia: a atuação do terceiro setor em contextos rurais e interioranos. A oportunidade de inserção nos territórios do semiárido potiguar convocou a prática psicológica a se reinventar, desarmar-se de certezas e se abrir para outras formas de saber, cuidado e resistência, desassociando, de maneira gradual, a psicologia de uma atuação que se volta majoritariamente para as elites e os centros urbanos.

Apesar das limitações em relação a ausência de diretrizes específicas para atuação da psicologia e o cuidado psicossocial em áreas rurais (Dantas et al, 2020), o rural se configura como um campo com múltiplas possibilidades para atuação da psicologia. A partir da Psicologia Social Comunitária, a experiência nos contextos rurais possibilitou uma atuação voltada para o diálogo e partilha de saberes, desenvolvendo forma coletiva voltadas para a garantia da autonomia e autogestão das comunidades.

Observou-se que a saúde mental no campo merece ser analisada em vinculação com as condições materiais de vida, as tecnologias sociais e os atos de resistência que sustentam o cotidiano. Temas como pobreza, gênero, envelhecimento, sexualidade, trabalho, espiritualidade e participação política emergiram como marcadores centrais da vida rural e, portanto, da prática psicológica situada nesse território. Desse modo, o estágio ampliou os sentidos do fazer psicológico ao evidenciar sua dimensão política, demonstrando que cuidar da saúde psíquica das populações rurais é também fortalecer processos de mobilização, fomentar espaços de fala, reconhecer os saberes locais e acompanhar lutas por justiça socioambiental e por direitos historicamente negados.

Assim, a Psicologia Social Comunitária que se constrói no encontro com o semiárido é

atravessada por múltiplas interseccionalidades e Determinantes Sociais da Saúde (DSS), exigindo um olhar amplo e que articule as esferas subjetiva, coletiva e estrutural. Nota-se que as interlocuções possíveis entre a Psicologia e o campo envolvem dimensões ainda pouco estudadas, de modo que um trabalho interdisciplinar torna-se necessário para abranger a complexidade dos espaços rurais. Nesse sentido, a experiência do estágio e os debates realizados sobre o rural contribuem para que “possamos avançar na proposição de uma Psicologia mais próxima e comprometida com a realidade e as necessidades em que vivem nossos povos” (Leite et al., 2013, p. 45).

Considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais da Psicologia, essa experiência de estágio promoveu uma formação ética e socialmente comprometida, ancorada na articulação entre reflexão e prática em contextos historicamente invisibilizados e vulnerabilizados. O contato com as populações rurais, a análise dos Determinantes Sociais da Saúde e a compreensão de seus modos particulares de vida favoreceram o desenvolvimento de competências profissionais fundamentais, como a escuta qualificada, atuação comunitária, trabalho culturalmente competente e comprometido com a promoção e a garantia de direitos.

Referências

- Antunes, M. A. M. (2012). A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 32(spe), 44–65. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005>
- Camurça, C. E. de S., Alencar, A. B., Cidade, E. C., & Ximenes, V. M. (2016). Implicações psicossociais da seca na vida de moradores de um município da zona rural do nordeste do Brasil. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 34(1), 117–128. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/22867>.
- Costa, E. M., & Vieira Filho, J. E. R. V. (2020). Desemprego Severo no Meio Rural Brasileiro. *Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*, 14(1), 1–25. <https://doi.org/10.54766/rberu.v14i1.602>.
- Dantas, C. M. B., Dimenstein, M., Leite, J. F., Macedo, J. P., & Belarmino, V. H. (2020). *Território e determinação social da saúde mental em contextos rurais: Cuidado integral às populações do campo*. Athenea Digital. <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2169>.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Censo Demográfico 2022: população e domicílios: primeiros resultados*. IBGE | Cidades. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/santa-cruz/panorama>.
- Kempf, R. B., & Wedig, J. C. (2019). Processos de resistência de mulheres camponesas: Olhares pela perspectiva decolonial. *Mundo agrário*, 20(43), 1–12. <https://www.redalyc.org/journal/845/84557997004/84557997004.pdf>.

Lisboa, A. S., & Alcantara, F. V. (2019). O associativismo rural como estratégia de desenvolvimento para a agricultura familiar. *Para Onde!?!*, 11(1), 17–28. <https://doi.org/10.22456/1982-0003.90807>.

Leite, J. F., Macedo, J. P. S., Dimenstein, M., & Dantas, C. (2013). A formação em Psicologia para a atuação em contextos rurais. In Leite, J. F., & Dimenstein, M (Orgs.), *Psicologia e contextos rurais* (pp. 27-55). EDUFRRN.

Macedo, J. P., & Dimenstein, M. (2011). Expansão e interiorização da Psicologia: reorganização dos saberes e poderes na atualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 296–313. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200008>

Macedo, J. P., Souza, C. J., Dimenstein, M., & Dantas, C. (2020). Interiorização dos cursos de psicologia no Brasil: desafios atuais à formação. *Psicologia em Revista*, 26(2), 492-515. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n2p492-515>.

Medrado, B., Spink, M. J. P., & Mélo, R. P. (2014). Diários como atuantes em nossas pesquisas: Narrativas ficcionais implicadas. In M. J. P. Spink, J. I. M. Brigagão, V. L. V. Nascimento, & M. P. Cordeiro (Orgs.), *A produção de informação na pesquisa social: Compartilhando ferramentas* (pp. 273–293). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Mendonça, G. M. (2021). Trabalho e dupla jornada, reflexões sobre a divisão de tarefas das assentadas do Milton Santos. *Cadernos de Agroecologia*, 16(1). <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6625/4884>

Menezes, D. W. L., Lopes, E. E. A., Miranda, N. M. A. L., Cruz, D. D., Souza, B. I. (2022). Tecnologia social e agroecologia na Paraíba. *Revista Brasileira de Tecnologias Sociais*, 9(2), 41–56. <https://doi.org/10.14210/rbts.v9n2.p41-56>.

Montero. (2006). *Teoría y Practica de la Psicología Comunitaria: la tensión entre comunidad y sociedad*. Paidós.

Pereira, H., & Lobato, S. (2020). Educação para “lavar a liberdade”: Trabalho, sindicalismo rural e educação popular em Afuá-PA (1989-1994). *Nera*, 23(55), 322–342. <https://dlwqtxts1xzle7.cloudfront.net/64395586/7118-29491-1-PB-libre.pdf>.

Pinheiro, L. V. S., Pinheiro, J. Q., & Gurgel, F. F. (2022). Quem cuida, ama? Trabalho agroecológico e (re)significações em um assentamento rural. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 15(1), 1-27. <https://dx.doi.org/10.36298/gerais202215e17503>.

Plano Nordeste Potência. (2024). *Salvaguardas Socioambientais para energia renovável*.

Rosa, L., & Busato, M. A. (2024). Condições de saúde de reassentados rurais na perspectiva dos determinantes sociais de saúde. *Hygeia*, 20, 1-11. <https://doi.org/10.14393/Hygeia2069708>.

Santos, M. C., Nascimento, J. E. B., & Alcantara, F. V. (2019). Desenvolvimento rural e políticas públicas de acesso à água no Nordeste: um estudo do programa água para todos em Aracatu-BA. *Geopauta*, 3(1), 29-46. <https://doi.org/10.22481/rg.v3i1.5372>.

Sarriera, J. C., & Saforcada, E. T. (Orgs.). (2010). *Introdução à psicologia comunitária: Bases teóricas e metodológicas*. Sulina.

Serviço de Apoio aos Projetos Alternativos Comunitários. (2025). *Tecnologias Sociais: fortalecem a agricultura familiar no Semiárido potiguar*. Recuperado de: Tecnologias Sociais: fortalecem a agricultura familiar no Semiárido potiguar – SEAPAC. Acesso em 21 de julho de 2025.

Silva, K. B., & Macedo, J. P. (2019). Psicologia e ruralidade: reflexões para formação em psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(3), 97-120. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n3p97>.

Spink, M. J. (2013). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. [E-book]. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. p. 1-21.

Spink, M. J., & Spink, P. K. (2007). A psicologia social na atualidade. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.). *História da Psicologia: rumos e percursos* (pp. 565-585). NAU.

Sousa, G. S., Silva, R. M., Reinaldo, A. M. S., Soares, S. M., Gutierrez, D. M. D., & Figueiredo, M. L. F. (2021). "A gente não é de ferro": Vivências de cuidadores familiares sobre o cuidado com idosos dependentes no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(1), 27-36. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.30172020>.

Souza, L. K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARP2019v71i2p.51-67>

Spanevello, R. M., Matte, A., Andreatta, T., & Lago, A. (2017). A problemática do envelhecimento no meio rural sob a ótica dos agricultores familiares sem sucessores. *Desenvolvimento em Questão*, 15(40), 348-372. <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2017.40.348-372>.

Tiburski, E. L., & Cardoso, E. W. (2020). Por uma história dos sertões: novas perspectivas e temporalidades sobre o “Brasil profundo”. *Revista História e Cultura*, 9(1), 3–8. <https://doi.org/10.18223/hiscult.v9i1.3276>.

Ventura, A. C., García, L. F., & Andrade, J. C. S. (2012). Tecnologias sociais: as organizações não governamentais no enfrentamento das mudanças climáticas e na promoção de desenvolvimento humano. *Cadernos EBAPE.BR*, 10(3), 605–629. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000300009>.

Yamamoto, O. H., & Oliveira, I. F. (2010). Política Social e Psicologia: uma trajetória de 25 anos. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 26(spe), 9–24. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500002>

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 27/03/2026
Aprovado em: 29/05/2026
Publicado em: 04/08/2026

Received on March 05th, 2026
Accepted on May 29th, 2026
Published on August, 04th, 2026

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não se aplica

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Silva, M. I. D., Dantas, B. S. S., Fonseca, J. V. B. E., Belarmino, V. H., Gurgel, F. F., & Cavalcanti, A. C. S. (2026). Experiências de um estágio curricular em psicologia no semiárido rural potiguar. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 11, e20453.

ABNT

SILVA, M. I. D., DANTAS, B. S. S., FONSECA, J. V. B. E., BELARMINO, V. H., GURGEL, F. F., CAVALCANTI, A. C. S. Experiências de um estágio curricular em psicologia no semiárido rural potiguar. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 11, e20453, 2026.